



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
INSTITUTO DE ESTUDOS SÓCIO AMBIENTAIS  
PROGRAMA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA



## **Corporeidade, cultura e territorialidades negras: a Congada em Catalão – Goiás**



Orientanda: Ana Paula Costa Rodrigues  
Orientador: Prof. Dr. Alecsandro (Alex) J. P. Ratts.  
Goiânia – 2008



**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR AS TESES E DISSERTAÇÕES ELETRÔNICAS (TEDE) NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

**1. Identificação do material bibliográfico:**       Dissertação       Tese

**2. Identificação da Tese ou Dissertação**

Autor (a):	ANA PAULA COSTA ROSRIGUES		
E-mail:	papaulacr@yahoo.br		
Seu e-mail pode ser disponibilizado na página?	<input checked="" type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não	
Vínculo empregatício do autor			
Agência de fomento: CNPQ		Sigla:	CNPQ
País:	BRASIL	UF:GO	CNPJ:
Título:	<b>Corporeidade, cultura e territorialidades negras: a Congada em Catalão – Goiás</b>		
Palavras-chave:	Espaço público – Congada de Catalão. População negra. Corporeidade. Território.		
Título em outra língua:			
Palavras-chave em outra língua:			
Área de concentração:	Geografia humana		
Data defesa: (dd/mm/aaaa)	04/07/2008		
Programa de Pós-Graduação:	Geografia		
Orientador (a):	Alecsandro J.P Ratts		
E-mail:			
Co-orientador (a):			
E-mail:			

**3. Informações de acesso ao documento:**

Liberação para disponibilização?<sup>1</sup>       total       parcial

Em caso de disponibilização parcial, assinale as permissões:

Capítulos. Especifique:

Outras restrições: \_\_\_\_\_

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF ou DOC da tese ou dissertação.

O Sistema da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações garante aos autores, que os arquivos contendo eletronicamente as teses e ou dissertações, antes de sua disponibilização, receberão procedimentos de segurança, criptografia (para não permitir cópia e extração de conteúdo, permitindo apenas impressão fraca) usando o padrão do Acrobat.

\_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

Assinatura do (a) autor (a)

<sup>1</sup> Em caso de restrição, esta poderá ser mantida por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Todo resumo e metadados ficarão sempre disponibilizados.

ANA PAULA COSTA RODRIGUES

**Corporeidade, cultura e territorialidades negras:  
a Congada em Catalão – Goiás**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Geografia do Instituto de Estudos Sócio-Ambientais da Universidade Federal de Goiás como requisito para obtenção do título de mestre, com orientação do Prof. Dr. Alecsandro J. P. Ratts.

Goiânia - 2008

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**GPT/BC/UFG**

R696c Rodrigues, Ana Paula Costa.  
Corporeidade, Cultura e territorialidades negras  
[manuscrito] : a Congada em Catalão – Goiás / Ana Paula  
Costa Rodrigues. - 2008.  
xv, 241 f. : il., figs,maps.

Orientador: Prof. Dr. Alecsandro J. P. Ratts.  
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás,  
Instituto de Estudos Sócio Ambientais, 2008.

Bibliografia.

Inclui lista de figuras.

Apêndices.

1. Espaço público – Congada de Catalão. 2. População  
negra. 3. Corporeidade. 4. Território. I. Título.

CDU: 911.3:304.4

ANA PAULA COSTA RODRIGUES

**Corporeidade, cultura e territorialidades negras:  
a Congada em Catalão – Goiás**

Dissertação de mestrado defendida e aprovada em 04 /07 /2008

Banca examinadora constituída pelos professores:

Prof. Dr. Alecsandro J. P. Ratts  
Universidade Federal de Goiás  
(Orientador)

Prof.Dr. Marcelo Rodrigues Mendonça  
Universidade Federal de Goiás  
(membro)

Prof. Dr. Luiz Carlos do Carmo  
Universidade Federal de Goiás  
(membro)

Prof. Dr. Eguimar Felício Chaveiro  
Universidade Federal de Goiás  
(Suplente)

*Aos meus pais que sempre foram meu  
exemplo de vida e a todos e todas que  
fazem a congada.*

*Onde tem Congada  
É pra lá que eu vou  
Sou negro de Raça  
Sou negro de cor*

Música de congo

## Agradecimentos

Um trabalho de pesquisa nunca é realizado só, sempre temos ao nosso lado pessoas importantes que por vezes nos carregam nos braços quando mais precisamos. Outros, por apenas estarem ao nosso lado, já nos trazem um alento em dias difíceis. Durante esta pesquisa pude ter ao meu lado pessoas maravilhosas a quem devo grande gratidão, respeito, amizade.

Em primeiro lugar devo agradecer a Deus pelo dom da vida e por colocar pessoas maravilhosas em meu caminho, as quais posso agradecer por estarem comigo em um momento tão feliz que é a composição de uma pesquisa.

Agradeço minha família, porque é nela que tenho minha base, meu alicerce. Sou grata à minha mãe por me proporcionar estudo e que eu pudesse chegar até aqui. Ao meu pai que embora não esteja mais conosco, é e sempre será meu exemplo de vida. Aos meus irmãos e sobrinhos, a quem amo muito.

Quando olho minha vida percebo que durante minha caminhada pude contar com a amizade de grandes pessoas. Sei que em algumas linhas não irei conseguir externar a gratidão por estarem comigo. Lorena, você é a irmã que pude escolher. Luiza, Alyne, Renatinha, Renata Batista, Kênia, Welberg, Jackellinne, Vanessa, Eveline, Kelly, Sheilla, obrigada pelo sentimento tão gostoso e posso dizer que nossa amizade não terá fim.

Welberg, meu lindo, seus mapas ficaram ótimos, muito obrigada pelo carinho e dedicação que você desprendeu ao construí-los.

Alex, você é muito mais que um orientador, é meu amigo. Obrigada pelos bons momentos e pelo sentimento tão sincero que existe entre nós. Obrigada por me proporcionar a oportunidade de me conhecer melhor, saber quem eram meus antepassados, me encontrei nesta pesquisa.

À família Vicente de Paula que me recebeu como se eu fizesse parte dela, e eu me senti assim. Vocês são pessoas especiais que ficarão sempre guardadas em meu coração. Marise e dona Júlia, vocês são duas flores que exalam um perfume maravilhoso, vocês são especiais para mim. Seu João, obrigada por abrir as portas da pesquisa para mim. Sei que dizer apenas obrigada é muito pouco por tão grande amizade. Espero poder retribuir tão grande ajuda. Amo vocês.



Ao Leonardo e Luís Cláudio, da diretoria da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de Catalão, agradeço muito por terem me recebido tão bem e por terem colaborado muito com minha pesquisa.

Senhor Rubens e dona Helena, vocês são pessoas maravilhosas. A congada de Goiandira é muito linda, e tem rei e rainha a sua altura.

Ao senhor Lázaro e dona Lurdes, senhor Carlinhos, senhor João Ranhão, senhor Antônio Alves e os senhores Edson e Elzon Arruda por abrirem as portas de suas casas para mim. Obrigada pelas entrevistas que me concederam

Agradeço também a todos os irmãos do Rosário que me recebeu como irmã também. A cada terno que visitei pude sentir o calor dessa gente tão guerreira que faz uma festa tão linda como a de Nossa Senhora do Rosário.

## RESUMO

O espaço público no Brasil é marcado pelas diferenças sociais, étnico-raciais, de gênero, faixa etária e outras, constituindo por vezes territorialidades fixas ou transitórias. A corporeidade, também diferenciada por condição social, pertencimento étnico-racial, gênero, faixa etária, torna-se um elemento central nessa observação do processo de apropriação do espaço. A pesquisa focaliza a relação entre corporeidade e cultura negras e o espaço público na congada de Catalão, realizada em meio a Festa de Nossa Senhora do Rosário. Trata-se de um estudo geográfico de uma expressão cultural de origem negra. Em princípio, os espaços públicos devem ser locais nos quais os direitos de todos devem ser iguais, mas a população negra brasileira por trazer em seu corpo toda uma trajetória de racismo, não vivencia estes espaços da mesma maneira que a população branca. Em todo o sudeste goiano há congadas, mas a de Catalão é a que tem maior visibilidade e apelo turístico. No entanto, a população negra não está devidamente representada nos segmentos de decisão econômicos, políticos e culturais do município. Na Festa de Nossa Senhora do Rosário, por meio da congada, grupos negros com participação de pessoas de outros pertencimentos étnicos e raciais, demarcam com sua corporeidade um território que se expressa por meio de uma territorialidade. Desta forma podemos considerar que a congada não é somente uma manifestação religiosa, mas também uma expressão da cultura brasileira e negra na qual se observam relações de poder.

**Palavras-chave:** espaço público, população negra, corporeidade, território.

## RÉSUMÉ

L'espace public au Brésil est marqué pour les différences sociales, ethniques, raciales, de genre, de l'âge et d'autres, en constituant territorialités fixes ou transitoires. La corporéité, aussi différenciée pour la condition sociale, appartenance ethnique-raciale, de genre et de l'âge, devient un élément central dans cette observation du processus de l'appropriation de l'espace. Cette dissertation montre la relation entre corporalité noire et l'espace public dans la *congada* à *Catalão*, vue comme un rituel du catholicisme afro-brésilien avec la fête de *Nossa Senhora do Rosário*. Il s'agit d'une étude géographique d'une expression culturelle d'origine noire. À partir des dernières décades la géographie passe à s'intéresser pour la complexité et l'especificité des différenciations culturelles à l'espace. Au commencement, les espaces publics devraient être lieux où tous étaient égaux, mais la population noire brésilienne, qui porte dans leur corps une trajectoire de racisme, ne vit pas ces espaces de la même façon que la population blanche. Dans la fête de *Nossa Senhora do Rosário* la population noire, par moyen de la *congada*, des groupes noirs avec participation de personnes d'autres appartenances ethniques et raciales, délimitent avec leur corporéité un territoire que s'il exprime au moyen d'une territorialité. Ainsi, on peut considérer que la *congada* n'est pas seulement une manifestation religieuse, mais aussi une expression de la culture brésilienne et noire ou on observe des relations de pouvoir.

**Mots-clé:** espace public, population noire, corporéité, territoire.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Foto I	Antônio Alves de Lima	19
Foto II	João Batista de Souza	19
Foto III	Elzon Arruda	19
Foto IV	Edson Arruda	20
Foto V	Lázaro Joaquim José da Silva	20
Foto VI	Carlos Francisco Rosa da Silva	20
Mapa 01	Localização do Município de Catalão	24
Quadro 01	Relação de Ternos e capitães na Congada de Catalão 2006-2007	37
Foto 01	Igreja de Nossa Senhora do Rosário.	69
Foto 02	Centro Folclórico.	69
Foto 03	Largo do Rosário	69
Foto 04	Palco construído defronte a Igreja.	69
Foto 05	Vista interna do Ranchão.	69
Foto 06	Vista externa do Ranchão.	69
Foto 07	Ensaio do terno de Congo Prego, na casa do capitão.	70
Foto 08	Ensaio do terno de Congo Prego, na casa do capitão.	70
Foto 09	Ensaio do terno Catupé Cacunda Nossa Senhora das Mercês na casa de referência do terno.	70
Foto 10	Terno Vilão II em ensaio no interior da igreja de Nossa Senhora do Rosário	70
Foto 11	Ensaio do terno Moçambique Mamãe do Rosário na casa do capitão.	70
Foto 12	Ensaio do terno Catupé Cacunda Nossa Senhora do Rosário na casa do capitão.	70
Foto 13	Terno Pio Gomes.	71
Foto 14	Terno Verde (Goiânia).	71
Foto 15	Terno Vilão I.	71
Foto 16	Terno Vilão II.	71
Foto 17	Terno feminino Mariarte.	71
Foto 18	Terno Moçambique Mamãe do Rosário.	71
Foto 19	Terno Congregação do Rosário.	72
Foto 20	Terno Goiânia.	72
Foto 21	Terno Nossa Senhora do Rosário.	72

Foto 22	Bandeirinhas do terno de Moçambique Coração de Maria.	72
Foto 23	Terno Vilão I.	72
Foto 24	Bandeirinhas do terno de Congo Sagrada Família.	72
Foto 25	Reinado.	73
Foto 26	Dona Edsônia Arruda, primeira mulher a tocar no terno do Prego, se preparando para a entrega da Coroa.	73
Foto 27	Terno Catupé Cacunda São Benedito.	73
Foto 28	Terno Catupé Cacunda Nossa Senhora das Mercês.	73
Foto 29	Terno Penacho.	73
Foto 30	Terno São Francisco.	73
Foto 31	Terno feminino Mariarte na entrega da Coroa.	74
Foto 32	Terno Congregação do Rosário.	74
Foto 33	Dançador mirim do terno Vilão II.	74
Foto 34	Dançador mirim do terno de Congo Santa Terezinha.	74
Foto 35	Bandeirinhas do terno Marujeiro	74
Foto 36	Terno Marinheiro	74
Foto 37	Terno Moçambique Mamãe do Rosário.	75
Foto 38	Terno Vilão II.	75
Foto 39	Parte da Comissão de festeiros.	75
Foto 40	Terno Vilão I.	75
Foto 41	Terno Marinheiro	75
Foto 42	Terno São Francisco.	75
Foto 43	Terno Zé do Gordo em uma visita na vila Margon.	76
Foto 44	Terno Moçambique Mamãe do Rosário no café da manhã do domingo.	76
Foto 45	Terno Vilão I no almoço de domingo.	76
Foto 46	Terno do Prego no almoço de segunda-feira.	76
Foto 47	Terno Zé do Gordo no almoço do domingo.	76
Foto 48	Terno Zé do Gordo em uma visita na Vila Liberdade.	76
Mapa 02	Casas de Referência dos ternos	83
Mapa 03	Congada 2007 (trajetos)	84

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	13
<b>CAPÍTULO I: A CIDADE E A CONGADA DE CATALÃO</b>	
1.1 – Catalão em foco	23
1.2 - A Festa de Nossa Senhora do Rosário	27
1.3 – Os agentes da festa	33
1.3.1 - A Irmandade / Associação	34
1.3.2 - A Congada	35
1.3.3 - Os Festeiros	39
1.3.4 - A Igreja Católica	41
1.3.5 - A Prefeitura	43
<b>CAPÍTULO II: CONGADA E CULTURA NEGRA</b>	
2.1 – África, escravidão e negritude na Congada	47
2.2 – Identidade e cultura negra	52
2.3 - Os agentes da congada e o discurso sobre identidade e cultura negra	62
<b>CADERNO DE FOTOS</b>	68
<b>CAPÍTULO 3: CORPOREIDADE NEGRA, ESPAÇO PÚBLICO E TERRITORIALIDADE</b>	
3.1 - Corporeidade negra e espaço na congada de Catalão	78
3.2 – Cultura, população negra e conhecimento	85
3.3 – O uso do espaço público pela congada	89
3.4 – Segregação espacial (da periferia ao centro da cidade)	93
3.5 – Marcos espaciais da congada	96
3.5.1. A casa de referência do terno	97
3.5.2. O Centro da cidade	101
3.5.3. A Praça do Rosário, a Igreja e o Ranchão	102
3.5.4 - Os trajetos da Congada	108
<b>ALGUMAS CONSIDERAÇÕES</b>	119
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	123
<b>ROTEIROS DAS ENTREVISTAS</b>	127

## Introdução

Durante as últimas décadas do século XX o mundo passou a experimentar uma mudança complexa, a globalização, que trouxe a tona problemas de todas as ordens. A dominação imposta por grandes corporações sediadas nos países ricos forçou grande parte dos países dominados a se tornarem iguais. É no bojo desta globalização despótica e sua tentativa de homogeneizar o mundo que surgem movimentos de resistência. Nesse processo ocorre o que Gonçalves (2002) denomina de “direito à diferença”.

As chamadas “minorias” passam a buscar seus direitos. No Brasil, hoje, estão presentes movimentos dos mais diversos, como das mulheres, homossexuais, deficientes, negros, dentre outros, lutando por direitos que lhes são essenciais, mas aos quais não têm acesso.

A busca por direitos revela que embora no discurso do Estado e da sociedade de forma geral todos serem iguais, a imensa desigualdade demonstra a realidade arbitrária deste discurso. Ser diferente neste país é quase sinônimo de ser desigual. Podemos perceber isto através dos movimentos sociais que as reivindicam no sentido que a sua diferença seja reconhecida e não revertida em mais desigualdade.

Dessa maneira, a diferença se transforma num problema político. Ao longo da história brasileira percebemos casos de omissão por parte do poder público, que deveria governar para todos. Não é o que ocorre nesta sociedade, as mulheres, por exemplo, mesmo ocupando cargos semelhantes aos dos homens ganham menos, não importa se tem melhor qualidade. SEABRA (1996, p. 75) ao descrever sobre a questão da luta das mulheres ressalta:

A luta das mulheres ao se estabelecer, ganhando visibilidade, ameaça a imagem masculina do mundo, jogo secular de opressões que, divinizando o feminino, o reduz. A facticidade masculina – convenções, normas, valores – vê ameaçada pelo que a mulher traz de espontaneidade: o desejo, o corpo, a maternidade. A luta do feminino, como particularidade, para se estabelecer como diferença, está em curso.

No bojo dessas discussões se encontram os problemas étnico-raciais brasileiros, particularmente os que dizem respeito à população negra, em que a diferença se transforma em desigualdade e hierarquização (RATTS, 2003).

Após mais de um século de intensas lutas e reivindicações por parte do movimento negro e de estudos de intelectuais negros e não-negros alcançou-se, nesse caso, uma maior visibilidade na sociedade brasileira, ressoando de forma acentuada no campo social e político. Desta forma esse momento se afirma como propício para a desconstrução do racismo e da imagem negativa da população negra presentes no país.

Apesar de relativos avanços, a sociedade brasileira ainda materializa desigualdades concernentes aos segmentos não-brancos desta sociedade, marcada, sobretudo, por preconceitos e ideários racistas que perpassam as distintas instituições sociais<sup>2</sup>. Nesse sentido, os estudos das questões concernentes a estas populações se fazem necessários para a compreensão das suas reais necessidades.

Igualmente, ao longo de um século, a geografia brasileira também passa a experimentar novas perspectivas. Uma delas no campo da geografia cultural “clássica”, que, embora tenha sido amplamente discutida, já não abarcava de forma satisfatória a complexidade das culturas. Como os estudos realizados por Vidal de la Blache, Alfred Hettner, Carl Sauer, dentre outros. A partir das décadas de 1970/1980 podemos falar de novas geografias ou geografias diferencialistas, ou seja, a geografia passa a se interessar por “águas nunca dantes navegadas” Hoje temos estudos relacionados aos gêneros, a movimentos sociais, raças, etnias, dentre outros:

Neste sentido, a nova orientação da geografia cultural nos conduz a um novo olhar sobre a dimensão espacial de certos fenômenos. Isso corresponde a dizer que, hoje, a geografia dispõe de condições para constituir um novo conceito e um domínio epistemológico inovador em torno destas idéias de espaço e cultura (GOMES, 2000, p. 95).

É neste âmbito que a geografia passa a se interessar pela população negra brasileira que tem sua história entremeada de casos de omissão, preconceito e discriminação<sup>3</sup>.

Após séculos de escravidão e depois da libertação dos milhares de escravos negros, estes se viram abandonados, pois não havia muitos empregos e,

---

<sup>2</sup> Várias instituições como IPEA, IBGE, UNESCO, dentre outras possuem estudos nos quais fica demonstrada a desigualdade entre brancos (as) e negros (as).

<sup>3</sup> Podemos ver esta preocupação em trabalhos realizados por RATTIS, 1996; SANTOS, 1999/2001, EMERSON, 2007.



não houve política pública para integrar os negros ao mercado, sobretudo formal, e à vida política, pelo contrário, as leis trataram de deixar esta população à margem. Como por exemplo, a lei de terras de 1850, um pouco anterior à libertação, que previa que só teria direito a terra quem pagasse por ela. E os negros não tinham condições algumas de ter acesso a estas terras.

O Brasil, por ser um país agrário, mantinha quase toda sua economia centrada na agricultura, às portas da abolição, o governo, em consonância com segmentos da elite, tratou de eliminar a possibilidade dos negros de terem acesso a terra. Com a lei de terras de 1850, só teria acesso a terra quem pagasse por ela, ou seja, as terras brasileiras continuaram nas mãos dos grandes produtores já que eram aqueles que tinham recursos suficientes para adquirir.

Para os negros em geral (ou com raras exceções) sobram os subempregos os subsalários, as submoradias enfim desde a abolição da escravidão sobrou para os negros um lugar a margem desta sociedade que é elitista, classista e sexista. Ser negro no Brasil é ter pré-determinado um lugar, este é claro, inferior aos ocupados pela população branca sendo muito difícil para aquela população a ascensão a qualquer nível que a sociedade “branca” não tenha pré-estabelecido para estes.

A sociedade brasileira não reconhece a existência do problema ou não discute abertamente o racismo no país. Para muitos segmentos dessa sociedade o problema brasileiro é de classe e não racial: “não existe racismo no Brasil, o que existe são pobres e ricos”. Este é o discurso de muitos, o que mascara a realidade. Este processo é denominado de mito da democracia racial, pois tenta através de um discurso enviesado amenizar um sério problema desta sociedade, conforme afirma Santos (2000, p. 3):

Ser negro no Brasil hoje é, pois, com freqüência, ser objeto de um olhar enviesado. A chamada boa sociedade parece considerar que há um lugar pré-determinado, lá em baixo, para os negros e assim tranquilamente se comporta. Logo, tanto é incômodo haver permanecido na base da pirâmide social quanto haver “subido na vida”.

Ao colocar em evidência os estudos étnico-raciais, a geografia deve se portar de forma a questionar o discurso das classes dominantes (aqui entendidas como aquelas que detêm o poder político, informacional e econômico do Brasil) para que se modifique o atual processo histórico e se construa uma sociedade realmente

igualitária. Ao pensar os negros, devem-se ter estudos capazes de identificar quais as formas de racismo aos quais estes estão expostos.

As manifestações da cultura negra como a congada, são momentos aos quais os negros ganham visibilidade. É realizada em grande parte por homens e mulheres de baixo poder aquisitivo, que se preparam o ano todo para participar da festa. Estas festas em louvor aos santos de devoção de negros e negras são exemplos de resistência de um segmento tão estigmatizado na sociedade brasileira.

### **Apresentando a pesquisa**

A cidade de Catalão, à semelhança das cidades inseridas no mundo ocidental capitalista, apresenta uma acentuada divisão de classes, exclusão da população negra e de outros segmentos principalmente até a década de 1970. (DEUS1996). Com a modernização da agricultura, a implantação de indústrias mineradoras e mais recentemente de indústrias automotivas, ocorre uma mudança significativa para o município. A oferta de emprego aumenta e a cidade passa a ter uma maior visibilidade no cenário nacional.

Apesar de todas as mudanças ocorridas no município, a congada (festa de origem negra realizada em louvor a Nossa Senhora do Rosário) permanece sendo realizada, segundo indicações locais, há mais de 130 anos pelos ternos de Congo e Moçambique, Catupés, Vilões, Penacho, Marinheiro e Marujeiro, como forma de homenagear, agradecer e prestar devoção à Nossa Senhora do Rosário.

Este estudo tem como objetivo compreender a espacialidade, a corporeidade e a territorialidade da congada de Catalão e seus aspectos territoriais, bem como as relações de poder envolvendo os componentes dos ternos, especialmente os (as) negros (as), os agentes religiosos e governantes, focalizando as transformações ocorridas a partir da década de 1970, quando o município apresenta uma mudança em suas características urbanas.

Busca-se também compreender quem são os agentes constituintes da festa: como se identificam em termos de condição social e étnico-racial, onde moram, onde trabalham e qual seu papel na congada. Compreender a importância da festa para a cidade no nível cultural e o valor da festa para os agentes desta.

Para melhor compreender os trajetos e a territorialidade decorrentes da congada iremos mapear as áreas utilizadas nos percursos, bem como as residências dos capitães e os principais pontos da festa.

As categorias norteadoras deste trabalho são território/territorialidade e corporeidade. Estas colaboraram para a compreensão da territorialidade da congada, como os congadeiros através de sua corporeidade demarcam um território e as implicações disto para a congada e a cidade de Catalão. Para tanto trabalhamos com diversos autores como os geógrafos Rogério Haesbaert, Claude Raffestin, Milton Santos e estudiosos da congada, a exemplo de Edimilson Pereira de Almeida e Leda Martins, dentre outros.

### **O trabalho de campo**

Meu primeiro contato com a congada foi ainda criança. A congada de Goiânia sempre ocorreu próxima a minha casa. Ficava maravilhada ao ver todas aquelas pessoas com suas roupas coloridas e seus cânticos a desfilar pelas ruas do bairro, dentre elas alguns conhecidos meus. Não compreendia nesta época o que levava aquelas pessoas a realizar aquela festa. Cresci vendo a congada ocorrer sempre muito perto de mim e ouvindo minha mãe contar que em Catalão, cidade onde ela nasceu, ocorria uma festa como aquela.

Em 2005, em uma conversa com o professor Alex Ratts acerca daquela festa, soube que ele gostaria de orientar uma pesquisa sobre a congada de Catalão. Não pensei duas vezes em dizer que tinha o desejo de realizar este trabalho. Tinha alguns ensejos, alguns que me acompanhavam desde criança e outros que me surgiram quando comecei a me indagar sobre a população negra da qual eu faço parte.

Meu primeiro contato com a congada de Catalão foi no ano de 2005 quando fomos conversar com o então diretor da irmandade o senhor Edson Arruda sobre a pesquisa e pedir permissão para que pudéssemos realizá-la. Nesta visita fomos eu, Alex, Marise e seu pai, o Sr. João Vicente, que nos apresentou ao Sr. Edson.

No ano de 2006 foram realizados quatro trabalhos de campo. O primeiro nos dias 25 e 26 de agosto. Nesta data foi realizado na UFG Catalão um simpósio sobre empreendedorismo para os integrantes da congada. Neste evento

podemos ter contato com a diretoria da irmandade que no ano de 2006 tinha como presidente o senhor Edson Arruda e com vários capitães e componentes dos ternos.

Pudemos acompanhar nestes dias o ensaio de dois ternos, um terno de Congo (Terno de Congo do Prego) e um terno de Catupé (Catupé Cacunda Nossa Senhora das Mercês). Nestes ensaios estivemos eu, Alex, Kênia e novamente o Sr. João nos apresentando aos capitães. Embora não conhecêssemos muitas pessoas fomos muito bem recebidos.

O segundo trabalho de campo foi realizado nos dias 23 e 24/09/2006, no qual estivemos observando o ensaio geral da congada para a festa. Os ternos se reuniram ao longo do largo já acertando os últimos detalhes para a festa. O terceiro trabalho foi realizado nos dias 30/09 e 01/10/2006, no qual participamos da alvorada, evento este que inicia a festa em louvor a Nossa Senhora do Rosário.

O quarto trabalho foi realizado para observarmos os pontos mais importantes da festa para a pesquisa proposta. Durante os dias 6 a 10/10/2006, pudemos observar a importância e como se dá a presença da congada na Festa em louvor à Nossa Senhora do Rosário. Durante a festa, por vezes fui indagada sobre o que eu fazia ali, quem era e o porquê da pesquisa. Pude conhecer várias pessoas e observar a dinâmica da cidade com a realização da festa e da congada.

No ano de 2007, a irmandade estava com uma nova diretoria. Fomos até o novo presidente, o Sr. Leonardo da Costa Bueno, falar sobre a pesquisa e pedir autorização para que pudéssemos continuar realizando a mesma.

Pudemos acompanhar alguns ensaios dos ternos, infelizmente não foi possível acompanhar a todos os ternos, pois os ensaios ocorrem aos sábados e domingos e os horários geralmente se chocam.

No dia 08/09/2007 pude acompanhar o ensaio de dois ternos: O Catupé Cacunda Nossa Senhora do Rosário e o terno de Congo Prego, ternos aos quais voltei para realizar entrevistas com seus capitães. Fui sozinha estes ensaios, agora eu já não era mais o elemento estranho, e como sempre, fui muito bem recebida e pude conversar com várias pessoas e com os capitães, os senhores Elzon Arruda e Carlos Francisco Rosa da Silva.

O segundo trabalho de campo foi realizado do dia 13 a 17/09/2007, pudemos acompanhar quatro ensaios: No dia 15/09/2007 acompanhamos o terno de Moçambique Mamãe do Rosário, e o terno de Congo Nossa Senhora do Rosário (Zé do Gordo). E no dia 16/09/2007 estivemos no terno de Congo São Francisco e

novamente no Catupé Cacunda Nossa Senhora do Rosário. Nestes ensaios fui acompanhada do Alex e da Marise, que agora também esta realizando uma pesquisa com as mulheres na congada.

Acompanhar os ensaios são momentos ímpares, somos sempre muito bem recebidos, muitos dos nossos questionamentos vão sendo respondidos e muitas amizades vão sendo construídas.

A festa no ano de 2007 foi da madrugada do dia 04 para o dia 05 ao dia 15 de outubro. Estive presente na alvorada e voltei agora acompanhada de uma equipe que contava com meu orientador e com amigos que colaboraram muito com a pesquisa. São eles: Luana, Welberg, Alan, Douglas, Diogo, Leandro e Marise. Os dias 13, 14, 15, foram os dias que acompanhamos os eventos mais importantes para a congada, desde o levantamento do mastro de Nossa Senhora do Rosário no dia 13/10/2007 até a entrega da Coroa no dia 15/10/2007.

Voltei à cidade de Catalão para a realização das entrevistas. Foram duas idas à cidade nas quais realizamos cinco entrevistas, duas no dia 10/11/2007, onde juntamente com a Marise entrevistamos os senhores Antônio Alves e João Batista de Souza, uma no dia 11/11/2007, onde entrevistamos os senhores Elzon e Edson Arruda. Preferimos trabalhar com as entrevistas fora do período da festa, pois no burburinho da festa não teríamos a tranquilidade necessária para a realização das entrevistas. Reservamos os momentos da festa para as observações e conversas informais. As outras duas entrevistas foram realizadas respectivamente nos dias 15/12/2007 e 18/12/2007. Entrevistei os senhores Lazaro Joaquim José da Silva e o senhor Carlos Francisco Rosa da Silva. Ressalto a importância da senhora Lourdes, esposa do senhor Lazaro, que muito colaborou na entrevista.

Agradeço a todos os entrevistados que abriram seus lares e me receberam tão bem, abriram suas histórias de vida e me deixaram compartilhar delas também.

Estes trabalhos de campo foram de fundamental importância para a realização desta pesquisa. Cada conversa, sorriso, entrevista, cântico, dança enfim cada momento foi importante para a constituição da pesquisa, e me ajudou ainda mais a conhecer pessoas maravilhosas. Meu vínculo com elas não é apenas de pesquisa, cada um se tornou parte de mim e estará sempre presente em minha vida

## Os entrevistados



Foto I. Fonte: RODRIGUES, A. P. Outubro de 2007.

**Antônio Alves de Lima**, 70 anos, lavrador aposentado é natural de Três Ranchos, município no qual participava da congada desde o ano de 1948, quando a festa foi fundada naquele município. Ao se mudar para Catalão no ano de 1980 com seus familiares, passou a participar dos festejos neste município. É primeiro Capitão do terno de Congo Santa Terezinha, fundado igualmente em Três Ranchos, junto com a festa.

**João Batista de Souza** (João Ranhão), 60 anos, pedreiro aposentado nasceu em Catalão. Começou a participar da congada aos sete anos para cumprir um voto que sua mãe fez por sua saúde. Dançava em um terno de congo. Não havia terno de Catupé nesta época, quando o primeiro catupé chegou de Minas Gerais, como o Sr. João nos relatou, foi muito difícil conseguir dançar no terno, mas ele conseguiu. É primeiro capitão do Catupé Cacunda Nossa Senhora das Mercês há mais de trinta anos.



Foto II. Fonte: RATTTS, A.J.P. Outubro de 2006.



Foto III. Fonte: RODRIGUES, A. P. Outubro de 2006.

**Elzon Arruda**, 66 anos, pedreiro aposentado. Filho do fundador do terno no qual seu apelido dá nome ao terno (Prego). Começou a participar da congada em 1961, ajudando o pai com o terno, neste período o terno tinha apenas 12 dançadores.



Foto IV. Fonte: Ratts, A.J.P. Outubro de 2007.

**Edson Arruda**, 61, funcionário público, também filho do fundador do terno. Começou a participar da congada em 62 quando saiu do exercito. Foi festeiro no ano de 2003, e é ex. presidente da irmandade do Rosário.

**Lázaro Joaquim José da Silva**, 78 anos, motorista aposentado, natural de Candeias no Estado de Minas Gerais, participa da congada desde 1948 quando seu pai Joaquim Coelho fundou o Vilão em Catalão. É dono do Vilão II, Santa Efigênia, que tem como primeiro capitão Sebastião de Assis (Nena).



Foto V. Fonte: RATTTS, A.J.P. Outubro de 2006.



Foto VI. Fonte: RODRIGUES, A. P. Outubro de 2007.

**Carlos Francisco Rosa da Silva (Carlinhos)**, 43 anos, é mestre de obras, começou a dançar aos seis anos em um terno de congo para cumprir um voto. No ano de 1986 fundou juntamente com Minerval e Edson, o terno de Catupé Nossa Senhora do Rosário, do qual é o primeiro capitão.

## **Estrutura da dissertação**

Este trabalho está estruturado da seguinte forma. No primeiro capítulo – *A cidade e a congada de Catalão* - abordamos a congada na cidade de Catalão, procurando mostrar um pouco do histórico do município, quem são os agentes desta festa de Nossa Senhora do Rosário e qual a importância da festa para a cidade. No segundo capítulo – *Congada e cultura negra* – procuramos compreender a importância dos fatores raça e cor para a congada. Abordamos constituição da cultura negra, como se deu a construção da identidade negra no Brasil e como se apresenta as questões de diferença e desigualdade neste país. No terceiro capítulo – *Corporeidade negra, espaço público e territorialidade*– é demonstrada a corporeidade da congada como demarcatória de um território. Quais as implicações do uso dos espaços públicos pela população negra. Quais as consequências da presença da congada nestes lugares. É também apresentada a territorialidade da congada em Catalão, como lugares como a casa do capitão, o centro da cidade, a igreja e a praça, assim como os trajetos se tornam parte do território da congada.



## **CAPÍTULO I**

### **A CIDADE E A CONGADA DE CATALÃO**

## 1.1 - CATALÃO EM FOCO

Catalão (mapa1) está localizada na parte Sudeste do estado de Goiás, da qual é o município maior e mais importante. Faz divisa com o Estado de Minas Gerais com o qual mantêm fortes laços econômicos e culturais. Sua população, segundo o censo de 2000, é de 64.347 habitantes, sendo que 57.606 (89,52%) moram na zona urbana do município. Em estatísticas do Seplan, no ano de 2006 a população de Catalão atingiu os 71.680 habitantes.

A região começa a ser povoada com a entrada das bandeiras na primeira metade do século XVIII, a exemplo de Bartolomeu Bueno da Silva, denominado de Anhanguera, que, segundo referências locais, veio a fincar sua cruz de aroeira no local<sup>4</sup>. Os primeiros moradores provavelmente faziam parte desta bandeira, e ficaram com o intuito de formar uma fazenda que servisse de apoio para as bandeiras (GOMES, CHAUL & BARBOSA, 1994). Este pode ter sido o cerne do município, cujo nome é oriundo de um dos moradores que ficaram com a bandeira, proveniente da Catalunha, na Espanha, e que era chamado de Catalão, nome que também foi dado por este à sua fazenda que mais tarde deu origem ao município (GOMES, CHAUL & BARBOSA, 1994).

O município de Catalão nasceu no século XIX, no período denominado de “segundo povoamento de Goiás”. Os municípios nascidos neste período tinham características voltadas para a vida rural, e vários surgiram primeiramente de fazendas que doavam terras para a construção de uma capela. Próximo à capela nascia um pequeno comércio e os primeiros moradores começaram a construir suas casas próximas a esse agrupamento inicial (ESTEVAM 2004).

Catalão fazia parte do julgado de Santa Cruz, sendo emancipada em 1833. Nesta data é elevada à categoria de Vila. Nesse período, Catalão apresentava grande progresso frente a outras Vilas como a própria Santa Cruz. Em 1859, Catalão é elevada à categoria de Cidade, mas continua o predomínio do rural sobre o urbano (GOMES, CHAUL & BARBOSA, 1994).

A produção agropecuária no município e na região foi crescendo gradativamente. Com a implantação da estrada de ferro, Uberlândia-Araguari-

---

<sup>4</sup> A referida cruz hoje se encontra restaurada na atual Cidade de Goiás (antiga Vila Boa).

Catalão, no início do século XX, Catalão e municípios próximos experimentaram um crescimento tanto em nível econômico como populacional, o que intensificou o processo de urbanização catalana.

Mapa 1

A crise que afetou o transporte ferroviário foi o principal fator que levou o município a uma relativa estagnação, por volta dos anos 1950 que durou até cerca de 1970 (DEUS, 1996), quando a região é inserida na chamada “revolução verde” em que o município passa a produzir grãos através de técnicas modernas. Nesta mesma década são instaladas no município empresas de mineração.

A cidade, assim como o município de Catalão, a partir da década de 1970, passou por um intenso processo de modificações. A agricultura se modernizou, e seu parque industrial se ampliou. O município como um todo experimentou uma rápida transformação em seu território.

(...) houve o asfaltamento da BR-050, constituindo um marco importante na vida de Catalão. Nesta mesma década, 1970, instalaram-se empresas mineradoras de beneficiamento e processamento de nióbio e fosfato. Essas empresas asseguraram o desenvolvimento socioeconômico e demográfico no município, que em 1980 foi novamente fomentado pela criação do Distrito Miner industrial (DIMIC). Essas unidades resultaram de um plano estadual que criou diversos distritos industriais regionais, com o objetivo de favorecer o desenvolvimento econômico (agregar valor à produção mineral local) e reduzir a migração da população dessas regiões para a capital (MENDES, 2005, p.158).

Neste período que o município recebeu empresas mineradoras com a extração de fosfato e nióbio, também foi inserido na chamada “revolução verde”, onde o município passou a produzir grãos através de técnicas modernas.

Este programa visava o melhoramento genético das sementes assim como estudos para a incorporação de novas áreas para o aumento da produção. As áreas de cerrado foi objeto de estudo, pois era uma área propícia a produção em alta escala por conter um conjunto de requisitos para isto. O primeiro estado brasileiro a receber estas inovações foi Minas Gerais. Em Goiás o programa foi implementado a partir da década de 1970, principalmente no sul do estado, que é incorporado neste período ao circuito de produção mundial:

(...) os países que aderiam à “revolução verde” eram orientados e induzidos a usar novas técnicas de correção do solo, fertilizantes, combate às doenças e pragas, bem como a utilizar maquinaria e equipamentos modernos. A esse conjunto de técnicas inovadoras se deu o nome de “pacote tecnológico” (BRUM, 1988, p. 47).

Esta modernização da agricultura, que veio “de cima para baixo”, possibilitou a transformação das terras ácidas em terras altamente rentáveis, já que

bastava apenas a correção do solo, pois, o clima e as terras altamente planas eram favoráveis à mecanização, e o Bioma Cerrado não era considerado importante para a política nacional neste período.

O processo de modernização da agricultura ocorreu de forma parcial e excludente, não atingindo a todos os produtores e todos os lugares da mesma forma. A modernização atual está ligada ao que Milton Santos chama de meio técnico-científico informacional, pois é a ciência que se liga à técnica para dar suporte a modernização da agricultura:

É a ocupação periférica, onde o uso intensivo do território é moderno. Essas terras tornam-se aptas para uma agricultura cientificizada de preferência a outro modo de produção agrícola, porque exigem acréscimos técnicos (irrigação, telecomunicações e transportes rápidos e eficientes), semoventes (tratores, máquinas de plantio e de colheita) e insumos ao solo (sementes criadas artificialmente para essas condições ambientais, fertilizantes), mas também informação (mapas específicos, previsão de safras) e dinheiro para (...) responder às demandas de capital orgânico. Hoje, ante a diminuição do crédito agrícola, a disponibilidade desse dinheiro limita-se aos seus atores hegemônicos (SANTOS, 2001, p. 130).

Muitas áreas antes dedicadas à pecuária vão sendo incorporadas à agricultura principalmente para a produção de grãos. Estes processos acarretaram profundas transformações. Com a implementação da revolução verde o estado de Goiás perdeu boa parte de sua vegetação. Os fertilizantes utilizados provocaram a poluição dos solos e da água subterrânea.

A produção mineral no município de Catalão inicia com a extração de fosfato e nióbio, para suprir os mercados interno e externo. Posteriormente passa-se também a produzir fertilizante. Todas essas atividades são altamente impactantes ao ambiente e à saúde dos funcionários e moradores do município.

Na década de 1990, devido aos incentivos do governo estadual, Catalão recebeu duas grades indústrias, uma do ramo automobilístico, a Mitsubishi Motors, e uma de implementos agrícolas, mais especificamente uma montadora de máquinas agrícolas a John Deere. A presença destas duas montadoras no município propiciou uma mudança significativa na estrutura urbana do município. Estas indústrias também abrigam entre seus funcionários participantes da congada.

O comércio também se expandiu para atender a população (DEUS, 1996). Este crescimento ocorreu em todas as áreas. Catalão torna-se um pólo de

atração para os municípios circunvizinhos, pois conta com uma boa infra-estrutura educacional, de saúde e conta com um pólo industrial em expansão que gera um grande número de empregos.

## 1.2 - A FESTA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO

A grande festa que ocorre na cidade de Catalão é dedicada á Nossa Senhora do Rosário, dizem as narrativas orais, mais presentes no estado de Minas Gerais que foi em Catalão que a santa apareceu no deserto ou no mar (não há um consenso quanto ao local) no dia 13 de maio, e muitas pessoas brancas tentaram convencer a santa a os acompanharem. Estas até conseguiram levá-la para uma bela igreja feita para ela, mas ela não gostou e voltou para o local da aparição.

Foi então que um grupo negro (um terno de Congo) se juntou e foi tocar e dançar para a santa. Ela então os acompanha, mas novamente volta ao mesmo local ao qual havia sido encontrada. Novamente um grupo de negros (um terno de Moçambique), ainda escravos e muito sofridos, se junta e vai tocar e dançar para a santa. Ela os acompanha e vai ficar agora em uma simples capela que os escravos tinham construído para ela.

Este mito tem suas variações em cada local do Brasil no qual ocorrem os festejos da congada. Em Catalão, embora este mito não tenha aparecido em nenhuma entrevista que realizamos, a congada mantém a ordem deste mito, sendo o terno de Moçambique quem conduz a Santa, a Coroa e o Reinado, sem o Moçambique a Coroa e a Santa não seguem em cortejo.

Nas entrevistas realizadas a congada de Catalão é apontada como originária do estado de Minas Gerais, assim descrita pelo senhor Antônio Alves.

*O que a gente vê falar é que a festa aqui começou em 1880 né com os escravos. Os fazendeiros começou essa festa, buscou parece que gente em Araxá, uns dançador que aqui nun tinha veio pra cá e depois é foi melhorando, assim já passou os padre a fazê parte porque sempre fazia parece que era em barraca né ai ocupou mais de hoje ta diferente na irmandade né? Antônio Alves. Entrevista, Catalão, 10/11/2007.*

Martins (1997) em estudo realizado no estado de Minas Gerais, no reinado do Jatobá no município de Belo Horizonte, descreve como algumas figuras

importantes para o congado relatam o mito de criação ou surgimento dos festejos da congada, citaremos aqui dois destes:

*Quando Nossa Senhora apareceu no mar veio muitas entidades pra tirar ela do mar, né? E ninguém conseguiu, e os pretos eram cativos, eles não tinha liberdade de sair, fazer nada assim de idéia deles não, eles fazia as coisas tudo às escondidas, depois que os donos, os senhores recolhia é que eles formava aquele grupinho deles que ia rezar, ia distrair, cantar, tocar viola. Então por alto que eles ficaram sabendo que no mar, longe daquela região, parecia uma santa dentro do mar, então eles interessaram a ver, confirmar se era, ou não era, então associaram ali um grupo de pretos e não tinha instrumentos nem nada, eles fizeram os instrumentos deles mesmo, eles mesmo fabricaram os instrumentos com toda simplicidade e foram tentar. Quando eles chegaram à beira-mar, que eles tocaram os instrumentos deles e cantaram do jeito deles, Nossa Senhora aluiu de onde ela tava e chegou pra mais perto, ai eles ficaram muito entusiasmados, ajoelharam no chão, rezaram a reza que eles sabiam, porque ninguém ensinava, eles já era criados junto com os branco, eles não tinha, não tinha direito de ir a lugar nenhum, né? Então eles não tinha direito nem de rezar a vontade deles, então eles ficaram naquele entusiasmo e vieram embora, e conversaram entre si, uns com o outro, não vamos falar não, porque se nós contar, nos seremos castigado, vamos ficar caladinho, então, eles, de outra vez ele tornaram a formar, deixou passar uns dias, com medo de ser descoberto aquele segredo, eles ficaram com medo, né? E tornaram a reunir lá na mesma turma e tornaram ir e fizeram um andor, tudo fora de hora, de noite, tudo às escondidas, porque se o senhor descobrisse eles eram castigados, fizeram um andor todo, com toda simplicidade e foram pra beirada do rio e cantaram novamente os mesmos hinos, ficaram ali cantando, tocando os instrumentos. Os instrumentos que eles faziam com as próprias mãos deles era os reco-reco, era os instrumentuzinhos marrados na perna que era tradição, usava era as cabacinha, umas cabacinhas, os tambores que eles mesmos faziam de pau, de couro de bicho e de pau, então eles batiam aquilo tudo fora de hora, tudo escondido. Quando eles chegaram com aqueles apetrechos na beirada do rio Nossa Senhora veio devagarinho, e eles colocaram ela em cima do andor e vieram trazendo até o caminho; então o senhor descobriu, ai eles faziam novena, eles mesmos, sem participação de ninguém estranho e, ultimamente por fim, os brancos foram descobrindo e não castigaram eles não, porque a fé deles era tanta que não deixou eles sofrer por causa disso não. Então foi assim que Nossa Senhora apareceu no meio dos preto. É tanto que ela é mais da raça negra que dos branco; os branco hoje tem muita estima por Nossa Senhora do Rosário, tem muita veneração, porque ela veio, ela veio de Portugal pro Brasil, essa doutrina veio de Portugal, foi de lá que veio a irmandade, de Portugal para o Brasil, os primeiros que fizeram essa festa negra foi em Portugal, depois veio pro Brasil, onde ela é muito venerada no Brasil, mas a raiz mesmo veio do branco, dos brancos de lá. Então eles aceitaram o que os negro tinha feito e cultuou a memória e aonde existe até hoje essa festa maravilhosa, que nós todos*



*fizemos parte, que é muito bonita, enquanto a gente tem aquele amor, aquela veneração pelas coisas do reinado[...]. D. Leonor Galdino. (MARTINS, 1997, p. 52).*

*Antigamente, minha falecida mãe, que Deus a tenha, contava pra nós estórias de santo. Ela contava um lenda que na época dos escravos aconteceu de verdade. Uma vez Nossa Senhora do Rosário apareceu para os escravos na época da escravidão. Um escravo mandou seu filho ir à mina d'água. Quando o menino chegou na mina ele viu uma luz muito forte no mar. Ele olhou, olhou e parou pra olhar bem. Ele sentiu que era uma moça com uma criança no colo que estava dentro do mar. Ele voltou correndo, chamou pelo pai, e disse na língua deles lá que tinha uma senhora no mar, se afogando com uma criança no colo. O pai dele não acreditou nele e foi lá verificar. Ele lá chegando, avistou a senhora no mar, a coroa dela brilhava demais, parecia uma luz muito forte. Então aquele escravo foi na fazenda do sinhô e comunicou o sinhô, pode me dar chibatada, mas a virgem ta afogando no mar. O sinhô então preparou uma romaria só de gente branca pra ir retirar a santa do mar. Quando lá chegaram e viram a santa se afogando começaram a rezar e cantar em voz alta pra santa. Consegui tirar ela do mar e levar ela pra fazenda, fez um altar e colocou ali a santa. Depois da reza foram dormir. No outro dia ele procurou pela santa e a santa não estava. Achou que os escravo tinha roubado a santa e mandou bater nos escravo. Quando os escravo, chorando, disse que não era eles, ele voltou ao mar e viu que a santa já estava quase se afogando. E de novo levou pro altar e ela voltou a fugir. Quando viu que ela não queria aceitar eles, deixou os escravos tentar.*

*Os escravos reuniu e fez tambores, forrado com folha de inhame. Eles pegaram a madeira, cortaram redondo, trançaram com embira de banana, foram no brejo e pegaram folha de inhame pra cobrir os tambor. Primeiro foi a guarda de Congo, enfeitou-se bem e foi dançar pra ela. Mas ela não saiu da água. Ela achou muito bonito, mas ela não saiu. Então os escravo mais velho ajuntou todos os escravos, velho e novo, preparou uma guarda de Moçambique e foi dançar pra ela. Era a mesma gente, as caixas era as mesmas, mas o canto e a dança era diferente. Quando eles dançaram pra ela, no jeito diferente que no Moçambique de dança, ela olhou muito pra eles. Eles foram entrando no mar, cantando pra ela, levando o bastão perto dela. Eles cantavam pra ela assim:*

*Ô, vem Maria,  
Já com Deus,  
Vem Maria*

*E foi chegando, foi chegando com o bastão perto dela, assim, e ela segurou no bastão; quando ela segurou no bastão, eles cantou pra ela:*

*Ô, vamos Maria  
Já com Deus  
Vamos Maria*

*Ela segurando naquele bastão, eles conseguiu puxar ela pra fora do mar, forraram então um dos tambor com um pano branco que eles*

*carregava no ombro e ela sentou em cima daquele tambor, em cima do tambor que Nossa Senhora do Rosário está sentada. E ela ficou sendo a padroeira de toda a raça negra, a nossa sinhá, a nossa mãe. E a água indo pra lá e eles vindo pra cá. Por isso Moçambique é o dono de coroa, porque tirou Nossa Senhora do Mar e sentou ela nos tambor. E eles carregaram ela devagarim, devagarim, cantando*

*Olê, vamo devagá  
Olê, vamo devagá  
Moçambique não pode corrê  
Moçambique não pode corre  
Olê, vamo devagá*

*D. Alzira d N.S.do Reinado do Jatobá (MARTINS, 1997, p. 52).*

Brandão (1985. p. 115-117), em estudo já citado anteriormente, também relata como alguns dos capitães e figuras importantes para a congada em Catalão relataram o mito do surgimento.

*Eles acharam Nossa Senhora no deserto, numa loca de pedra, eles acharam ela lá. Então fizeram uma reunião lá e eles foram dançar lá. Então o Congo chegou lá, dançando lá, ela riu, mas ficou quieta. Depois chegou o Moçambique. Chegou lá tudo malumbrado, um lenço na cabeça, de pés descalços, e ai ela acompanhou. Eles pegaram, fizeram uma igreja, puseram ela lá na igreja. Ela voltou, ficou lá no lugar outra vez. Aí, eles pegaram e fizeram a igreja lá no lugar. Isso aí é da antiguidade.*

*No meu lume, no meu entendimento, eu nunca li uma história dessas. Mas diz que foi assim. Quando os negros eram, então, eram leigos, não sabia falar nem nada, no tempo da escravidão. Então, tava trabalhando. Os negros vivia trabalhando. Então um dia, no deserto, uma gruta, então os negros tava trabalhando. Então apareceu a Nossa Senhora pra eles, a Nossa Senhora do Rosário. Então apareceu pra eles. Dava risada pra eles. Então falou que eles não podia viver daquele jeito. Então que se festejasse ela, ela dava libertação pra eles. Então eles ficaram muito alegres com aquilo e desde aquela hora em diante eles já falou que não ia mais ser escravo.*

*Então eles começou dançar pra ela. Ela explicou pra eles. Começou a dançar assim pulado, né? Veio dançando, pulando, pulando, ela foi, não aceitou. Então veio, esbarrou nela, esbarrou nela. Ela pediu que dançasse mais lento. Então, outros fala Congo, outros fala Moçambique. Eles dançaram mais lento, o que dançou mais lento ficou sendo o Moçambique. Foi o que ela acompanhou. Acompanhou os moçambiques. Quer dizer, as pessoas eram as mesmas. Eles voltou dançando o Moçambique pra ela. Cantando diferente e ela foi, acompanhou.*

Podemos perceber algumas variações entre as narrativas descritas por Martins (1997) e Brandão (1985). Mas em todas está presente a figura do negro

escravizado. O sofrimento era tanto que a própria santa “fala” que não há condições destes continuarem nesta situação. A repressão aos negros é tão grande por parte de seus senhores que em algumas narrativas a descoberta da santa tem de ser guardada em segredo pelo medo dos castigos aos quais estes poderiam sofrer caso fossem descobertos.

Outra característica importante está nos locais de aparição da santa, seja no mar ou no deserto. Os estados de Minas Gerais e Goiás não têm nenhuma ligação geográfica com o mar e nem com o deserto, posto que o Brasil não possui desertos. Deserto, nesse caso, pode ser um local aberto, ermo, um descampado. O mar, nestas narrativas, tem um duplo sentido. Foi no mar que começou a saga de sofrimento em navios com péssimas condições de higiene, nos quais muitos negros nem suportavam a viagem. É neste mesmo mar que foi encontrada a santa, esta que veio para amenizar um pouco do sofrimento e degradação dos negros. É a ela que os congadeiros atribuí a libertação dos escravos, afinal, ela teria sido encontrada no dia 13 de maio, fazendo assim alusão à lei de abolição da escravidão, à Lei Áurea, assinada neste dia.

A referência ao fato de Nossa Senhora do Rosário ter escolhido os negros – congos e moçambiques – possibilita um sentimento de ligação étnico-racial. A identidade da congada, dos irmãos está fundada neste mito. Se a própria santa os escolheu, ela realmente é digna de receber a devoção e adoração destes. Desta forma concordamos com Gomes (2006. p 62):

Esta identidade comunitária só pode existir, no entanto, quando definida em relação a um território, real ou mítico, de homogeneidade, de domínio e de pleno desenvolvimento do espírito do grupo. A identidade comunitária está assim sempre relacionada a uma identidade territorial. Muitas vezes, esta identidade territorial é estabelecida por meio de nebulosas fábulas ou de improváveis relatos míticos relacionados a um tempo específico e a um espaço particular, ou seja, estas categorias espaço-temporais são vistas como elementos singulares fundadores da identidade. Não raramente essa narrativa corresponde à enumeração das dificuldades de sobrevivência do próprio grupo e das iniquidades contra ele cometidas.

As congadas, realizadas em louvor aos santos de devoção negra (Nossa Senhora do Rosário, São Benedito, Santa Efigênia) acontecem, em Catalão, segundo a irmandade local, desde antes da libertação dos escravos. O mito do encontro da santa faz menção ao dia da abolição da escravidão, pois a santa é que

teria sido responsável por esse fato. Os louvores eram realizados nas fazendas e com o apoio dos senhores que muitas vezes até colaboravam para manterem seus escravos sobre seu controle ou mesmo como prova de devoção ou de pagamento de promessas.

Mesmo após todo este período e com a inserção de devotos não negros, denominados em geral de brancos, na congada, o que pudemos perceber em Catalão, é que ela é um acontecimento em que grande parte de seus participantes são pessoas negras. A participação destes na festa pode remontar também ao período escravista, a exemplo de outras irmandades, mas nas congadas de Catalão esta presença é mais recente.

A congada de Catalão, segundo referências locais, tem origem advinda nas congadas mineiras. Os escravizados vindos daquele estado trouxeram os festejos da congada juntamente consigo na sua transferência para Goiás. Alguns ternos, que hoje fazem a congada em Catalão, tiveram sua origem no estado de Minas, como por exemplo: Terno de Congo Santa Teresinha, Catupé Cacunda Nossa Senhora das Mercês. A festa em louvor á Nossa Senhora do Rosário é realizada em onze dias, sendo que o segundo fim de semana de outubro é o mais importante para a congada, se estendendo até a segunda feira com a entrega da coroa. Os dias da festa devem englobar ou estarem próximos ao dia 13 desse mês, dia de Nossa Senhora do Rosário no calendário católico.

Os festejos se iniciam com uma alvorada que é realizada na madrugada de quinta para sexta feira. Nesta é servido um farto café da manhã para todos os componentes dos ternos. Nesta mesma sexta-feira começa a novena na Igreja de Nossa Senhora do Rosário.

Ao perguntar aos capitães, todos são unânimes em dizer que a alvorada é a abertura da festa. Embora alguns abordem as modificações que ocorreram nos últimos anos, a importância da abertura da festa está sempre presente nas narrativas, como podemos perceber abaixo:

*A alvorada é uma abertura da festa, é um alerta que, como se diz, pra própria população que vai acontecer a festa, meu modo de pensar é esse é uma abertura da festa do Rosário. Antônio Alves. Entrevista, Catalão, 10/11/2007.*

*A alvorada é convidando, avisando o povo que ta começando a festa, o significado da alvorada é esse. É mostrar que ta começando a festa. João Batista de Souza. Entrevista, Catalão, 10/11/2007.*

*A alvorada é uma coisa linda, você acorda todo mundo é uma coisa boa demais acorda quem ta dormindo. Lazaro da Silva. Entrevista, Catalão, 15/12/2007.*

Durante todo o período da festa são realizados terços na igreja de Nossa Senhora do Rosário, jantares, ou como são chamados em Catalão, ceias com bingos no centro do folclore. Para a festa também é construído um grande rancho de madeira e palha, no ano de 2007 o rancho foi feito com tendas pré-fabricadas, o que causou estranhamento por parte de alguns componentes da congada. No rancho, durante todos os dias da festa, além dos bingos, há música ao vivo e pista de dança.

Nas ruas próximas à igreja são armadas diferentes tipos de barracas que vendem produtos diversos, dentre estes, vestuário, calçados, tapetes, materiais de cozinha, até barracas de colocação de *piercings*. No ano de 2006 e 2007 estas barracas foram padronizadas e organizadas pela prefeitura, que cobra uma taxa para a utilização destes espaços. As barracas são muito aguardadas pelos moradores de Catalão. Muitos guardam dinheiro durante todo o ano para poderem comprar objetos pessoais, utensílios domésticos e outros, como verificado no depoimento do Capitão do Catupé Cacunda Nossa Senhora do Rosário:

*Agora as barracas, ali próximo da igreja, eu acho bom porque você vai mais cedo você assiste o terço depois que termina o terço até dar o horário para eles estar organizando pra assistir a missa você vai andar ali naquelas barracas é você consegue comprar alguma coisa assim mais em conta que a gente compra ah! Vou esperar chegar a época das barracas eu acho que vou comprar. Desde quando eu tinha seis anos quando eu comecei a dançar que eu pensava vou guardar um dinheiro porque quando chegar a época da festa vou comprar nas barracas. Então ainda tem isso até hoje ficou gravado e guardado e até hoje. Carlos Rosário Alves. Entrevista, Catalão, 18/12/2007.*

Muitos destes vendedores fazem circuitos de festas religiosas e muitos também vêm de Goiânia. No segundo fim de semana de outubro se concentram as maiores homenagens à santa. No sábado ocorre o levantamento do mastro em frente à Igreja de Nossa Senhora do Rosário. A procissão que culmina neste levantamento sai da casa do mordomo do mastro e é acompanhada pelos ternos, por fiéis e pelos os festeiros. Antes e após o levantamento do mastro os ternos

fazem evoluções e prestam devoção. Este levantamento também é seguido de uma queima de fogos de artifício.

Nos últimos anos foi incorporado ao programa da festa uma nova procissão que sai da matriz de São Francisco de Assis com toda ordem da congada, ou seja, a coroa e o reinado sendo escoltados pelos ternos de Moçambique, a Santa e os ternos. Esta procissão termina defronte à Igreja de Nossa Senhora do Rosário, dando início à missa da irmandade. No fim da tarde de domingo ocorre uma nova procissão pelas ruas do centro da cidade próximas à igreja. Alguns fiéis têm por costume andar por todo o percurso de pés descalços, ao fim desta procissão também ocorre uma missa.

A segunda feira é o dia da entrega da coroa. A coroa sai da casa dos festeiros do ano, escoltada pelos guardas da coroa, os ternos de Moçambique, pelo Reinado e pela congada, e é levada à casa dos festeiros do ano seguinte, que são escolhidos durante a festa.

### **1.3 - OS AGENTES DA FESTA**

Uma festa de tamanha proporção como a que ocorre em Catalão é organizada e composta por diversos atores, são eles: a Igreja, os festeiros, a irmandade, prefeitura e a congada, os quais serão detalhados a participação a seguir.

#### **1.3.1 - A IRMANDADE / ASSOCIAÇÃO**

A irmandade é a entidade que congrega todos os componentes dos ternos de Congo. A origem das irmandades, incluindo a de nossa Senhora do Rosário em Catalão, remete ao período antes da libertação dos escravos. As irmandades<sup>5</sup> tinham como objetivo ajudar os “irmãos” a conseguirem a alforria, a terem um enterro digno, contribuir em situação de doença, etc.

Posteriormente à abolição da escravidão, as irmandades permaneceram com o objetivo da ajuda mútua, e seus objetivos (com exceção da alforria) ainda são muito semelhantes, destacando-se seu caráter simbólico:

---

<sup>5</sup> Esta definição também se encontra na Enciclopédia da diáspora africana de Nei Lopes.

“Através de seu presidente, a irmandade resolve sobre a festa, nos limites da participação de ‘todos os irmãos’. Ela começa por decidir sobre a escolha do próprio rei” (BRANDÃO, 1985 p. 42).

Os desígnios da irmandade perpassam por toda a festa, seja a parte religiosa, seja a parte chamada de “folclórica<sup>6</sup>”. Com as doações recebidas a irmandade colabora com os ternos seja em dinheiro, quanto em tecido ou calçados para os (as) congadeiros (as). Além desta ajuda a irmandade também é quem decide (geralmente em assembléia) se aceita ou não a criação de um novo terno, como o caso do terno feminino que alguns capitães foram contra, mas a maioria foi a favor e elas puderam então se integrar aos cortejos. Os ternos visitantes na festa também são aceitos ou não pela irmandade. No ano de 2006 não houve ternos visitantes, e no ano de 2007 esteve presente o terno 13 de Maio de Goiânia.

Em Catalão, a irmandade é responsável pela Igreja de Nossa Senhora do Rosário, que usa o dinheiro arrecadado com a festa para cuidar da capela. A capela pertence à irmandade e sua chave fica com a zeladora da igreja dona Rosária Alves.

A diretoria da irmandade é a instância presente em todos os espaços da festa, ou seja, ajuda em toda a organização da festa junto com a igreja e a prefeitura. É a representação legal de toda a congada na festa.

Todos os capitães entrevistados disseram ter uma boa relação com a irmandade, seja com a atual diretoria, quanto com as diretorias anteriores, ressaltaram ainda a importância desta instituição para a congada e para os ternos individualmente.

A associação é uma entidade civil e jurídica de representação. É através desta que se angariam recursos para os ternos e para a irmandade, pois a irmandade, como entidade religiosa, não pode receber verbas, podendo somente receber doações. Em Catalão a relação irmandade/associação está conturbada, pois as respectivas diretorias têm idéias divergentes<sup>7</sup>.

### **1.3.2 - A CONGADA**

---

<sup>6</sup> A congada é chamada pelos dançadores e diretores da irmandade como folclore. Segundo Brandão (1982) o folclore é o que as comunidades têm como tradição, é aquilo que perdura na cultura, ou seja, é parte da cultura popular. Mas o folclore é visto por muitos estudiosos como imóvel, ou não pode haver mudanças no folclore. Para evitar divergências trataremos do conjunto, ou seja, a cultura.

<sup>7</sup> No dia 13/12/2007 foi decidido em juízo a extinção da associação, pois não estavam com a documentação de abertura completa e por isso foi marcado para o mês de março uma assembléia para a instituição da associação. Desta forma ficam suspensas todas as atividades desta instituição até que se legalize seu funcionamento.

A congada é a parte da festa na qual a população negra mais se insere. É formada por diversos ternos de Moçambiques, Congos, Catupés, Vilões, Marinheiro, Marujeiro e Penacho. Cada um com seu sistema de canto e danças próprios. Também fazem parte da congada o Reinado e o General da congada.

Cada integrante tem um motivo para participar da congada, mas todos perpassam pela fé e devoção à Nossa Senhora do Rosário. É uma tradição passada de pai/mãe para filho/a. Como percebemos em Catalão, a participação pode começar muito cedo. As crianças também prestam sua devoção à santa. Já os mais novos, mesmo sem compreender o que significa, acompanham os adultos. Esses ensinamentos são à base da permanência, da devoção e dos louvores prestados à santa.

Homens e mulheres têm papéis diferentes nos ternos. Para as mulheres (meninas e adolescentes) é reservado o lugar de bandeirinhas. São elas encarregadas de levar o estandarte. Há um requisito de que para ser bandeirinha é necessário que estas sejam virgem, fazendo assim uma equiparação da pureza entre as bandeirinhas e a santa. Esse requisito era muito mais preocupante no passado, na atualidade, embora ainda seja importante, fica ao encargo e consciência de cada bandeirinha sua participação sendo virgem.

No ano de 2005 foi fundado o primeiro terno feminino de Catalão chamado Mariarte. Para que este pudesse existir foi preciso autorização da irmandade, depois de muita discussão, afinal para alguns, “não é papel da mulher bater caixa”. Foi então permitido a fundação e no ano de 2006 foi a primeira vez que mulheres estiveram em desfiles e visitas pela cidade durante a congada. Havia uma preocupação inicial de que se as mulheres conseguiriam carregar as caixas<sup>8</sup> por todo o período da festa. Então, para elas foram feitas caixas especiais, menores e mais leves.

Os ensaios para a festa em geral se iniciam no mês de agosto e só terminam no início da festa. Estes se concentram na casa do capitão, figura fundamental para a estrutura do terno, por ser uma figura tão importante, refletiremos sobre o capitão nos capítulos subsequentes. Acerca dos ensaios Brandão salienta que (1985, p.18):

---

<sup>8</sup> Caixas é a denominação dada aos tambores utilizados pelos ternos.



Os ensaios dos ternos de Congos podem começar ainda no mês de julho, depois que o general “dá ordem para largar os ensaios”. Eles se concentram no mês de setembro e durante os primeiros dias de outubro, terminando na noite de sexta-feira ou ainda, na manhã de sábado. Os dias de “saída dos ternos” são três dias nucleares da festa, nos seguintes períodos: a tarde do sábado, todo o domingo e toda a segunda-feira, com concentrações menores de dançantes na manhã deste último dia.

Ainda como verificado por Brandão, os ensaios começam no mês de agosto. Para os ensaios os ternos pegam autorização com a polícia para que possam fechar a rua para a segurança dos componentes do terno, como nos indica um capitão:

*Sempre a gente começa no segundo fim de semana de agosto, já tá todo mundo autorizado já falô com polícia na delegacia autoriza porque se precisa ir lá tirar licença né, ensaiá lá no meio da rua, aí passa um carro pega uma criança então já pega autorização com a polícia para o capitão pra ter liberdade pra você brincar a vontade aí se fecha a rua eu não começo sem autorização (João Batista de Souza entrevista, Catalão, 10/11/2007).*

Os ternos de Moçambique são responsáveis por levar a Coroa e o Reinado. A coroa é levada nos cortejos pelos festeiros do ano e escoltada pelo Moçambique, que também levam a família real. Estes têm vestimentas brancas em popeline e com detalhes rosa e azul. Seus cânticos são mais tristes e suas caixas tocadas de apenas um lado. Além das caixas, usam instrumentos como as patamgomas e pandeiros, ainda observa-se a presença de gungas<sup>9</sup>, mas são poucos dançadores que as utilizam.

A formação dos ternos de ternos de Congo, durante os trajetos é a seguinte: à frente comandando o terno está o capitão, atrás do capitão os dançadores divididos da seguinte maneira, os mais experientes tocam as caixas mais grandes e seguem a frente do terno e são chamados de guias, atrás dos guias das pontas se forma uma fila em ordem dos maiores aos menores, que geralmente são crianças. Muitos dos dançadores que hoje são guias começaram na fila ainda crianças. No meio do terno encontra-se o sanfoneiro e o violonista (quando o terno apresenta este). No ano de 2006, apresentaram-se dez ternos de Congo e em 2007, onze<sup>10</sup>.

<sup>9</sup> As gungas são uma espécie de chocalhos que os dançadores levam amarrados a seus tornozelos.

<sup>10</sup> No ano de 2007 apresentou-se também em catalão o terno de congo 13 de maio do município de Goiânia. Este tem como primeiro capitão Lean Divino.

## RELAÇÃO DE TERNOS E CAPITÃES NA CONGADA DE CATALÃO 2006-2007

	<b>NOME DO TENO</b>	<b>CORES</b>	<b>FUNDAÇÃO</b>	<b>CAPITÃO (A)</b>	<b>ENDEREÇO</b>
1	Mariarte	Laranja e marron	2005	Aldanice Moreira dos Reis	Vila Liberdade II
2	São Francisco / João do Nego	Verde e branco	1942	Reginaldo Nascimento Reis	Nossa Senhora de Fátima
3	Catupé Cacunda São Benedito	Azul, verde e vermelho	1970	Marcos Antônio de Jesus	Vila Multirão
4	Congo Prego	azul, branco e vermelho	1961	Elzon Arruda	Mãe de Deus
5	Vilão de Santa Efigênia ou Vilão I	Rosa e preto	1948 (1954)	Sebastião de Assis Vitor (nena)	Bairro São Francisco
6	Marujeiro	Azul e preto		Antônio Bianco (viana)	Bairro das Américas
7	Marinheiro	Azul		João Diniz da Silva	Bairro das Americas
8	Penacho	Roxo, preto e branco	2002	José Gercino Vitor (Didi)	Bairro Pontal Norte
9	Congo Santa Terezinha	azul, branco e vermelho	1940	Antônio Alves de Lima	Santa Terezinha
10	Catupé Cacunda Nossa Senhora do Rosário	branco preto e vermelho	1986	Carlos Francisco Rosa da Silva	Jardim Paulista
11	Congo Nossa Senhora de Fátima / Zé do gordo	Azul, rosa e branco	1957	Carlos Rosário Alves	Nossa Senhora de Fátima
12	Catupé Cacunda Nossa Senhora das Mercês	amarelo e preto	1945/1953	João Batista de Souza	Nossa Senhora de Fátima
13	Sagrada Família	Vermelho, branco e verde	1973	Antônio Serafim de Freitas	Bairro São José
14	Vilão II	laranja e preto	2002	Euripedes Luiz Severino	Santa Terezinha
15	Congregação do Rosário	preto, branco e vermelho	1960/1939	Roberto Ribeiro	São Francisco
16	Nossa Senhora do Rosário/ Nossa Senhora da Guia	azul e verde limão	2002	Edson Correia de Matos	Santa Terezinha
17	Congo Pio Gomes	Branco e vermelho	1935	João Alves dos Reis (dinho)	Pio Gomes
18	Congo Goiânia	Verde e preto		Ozório Alves	Vila João Vaz Goiânia
19	Moçambique Coração de Maria	branco e rosa e azul		Antônio Carlos Ribeiro	Nossa Senhora de Fátima
20	Moçambique Mamãe do Rosário	branco, rosa	1951	Geraldo Dias	Castelo Branco

Os ternos de Vilão eram assim conhecidos por dançarem com facas e uma vara ornamentada na ponta com fitas multicoloridas, chamada manguara. Segundo os capitães, quando surgiram os ternos de Vilões em Catalão, as facas eram feitas com metal. Hoje, pela quantidade de pessoas que acompanham de perto os ternos e por estes terem grande quantidade de crianças, as facas são feitas de madeira, não oferecendo perigo nem a quem acompanha, nem aos seus próprios dançadores. Também fazem parte de suas fardas os capacetes, que são confeccionados em metal e ornamentados com fitas de plástico e fitas em papel, também em diversas cores. Suas danças são rápidas, assim como seus cantos. Sua formação é em filas de dois componentes. Geralmente saem com seis a oito caixas, seus tocadores também acompanham as filas de dois dançadores. Em meio ao terno é muito comum a presença do sanfoneiro, figura presente nos dois ternos de vilão de Catalão.

Os Catupés Cacunda, também tem formação em fila de dois dançadores e a quantidade de caixas também se assemelha a do vilão. Os dançadores do Catupé dançam tocando pequenos pandeiros. Suas danças são ágeis assim como suas músicas. Também em meio ao terno há um ou dois sanfoneiros. Em Catalão há quatro ternos de Catupé, e são estes que possuem o maior número de dançadores, ou seja, são os maiores ternos. Um dos ternos se difere por dançarem com um cocar de penas na cabeça e com um pequeno bastão ornamentado, este é conhecido por Catupé Penacho.

Em Catalão também há um terno de Marujeiro e um de Marinheiro suas músicas e formação são semelhantes as dos ternos de Congo.

A frente de todos os ternos existe a presença de meninas e moças que são as bandeirinhas. São elas responsáveis pelos estandartes com as imagens dos santos homenageados. Em geral estes santos são Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e o (a) santo (a) patrono (a) do terno.

O reinado é também parte importante na congada, sendo desta forma alvo de homenagens. Os cargos no reinado são perpétuos. O reinado durante as procissões sempre se localiza próximo à santa e à coroa e é escoltado pelos Moçambiques. O reinado fecha os cortejos juntamente com os Moçambiques.

O general é o responsável pela ordem dos cortejos. Seu cargo na ordem da congada é superior ao do capitão. O seu cargo é perpétuo assim como o reinado. O andamento dos cortejos e a ordem dos ternos, são de sua responsabilidade, assim como a colaboração com a organização da alvorada e da entrega da coroa.

Cada terno é de responsabilidade de seu capitão, é este quem aceita ou não novos membros e quem decide quais visitas o terno fará em cada festa. A casa do capitão é o ponto de apoio do terno, e este é responsável por seus integrantes. A relação dos componentes do terno com seu capitão e sua residência será detalhada em um capítulo subsequente.

### **1.3.3 - OS FESTEIROS**

Os festeiros estão na preparação de quase todo o evento. Somente não participam da organização da congada. São escolhidos durante a festa do ano para atuarem na festa seguinte. Devido à grandiosidade da festa na cidade de Catalão, o casal de festeiros convida outros casais para que os ajudem no preparo da festa. No ano de 2006 havia cerca de 20 casais de festeiros na festa. Em 2007 foram 27 casais.

Estes são responsáveis, juntamente com a prefeitura, pela construção do rancho, além de serem os arrecadadores das prendas dos bingos. Estes transitam em quase todas as instâncias, seja na parte religiosa, colaborando na organização dos terços e missas, seja na parte festiva na realização dos jantares que ocorrem no centro folclórico ou nas festas dançantes no rancho.

O trabalho dos festeiros começa assim que recebem a coroa e termina assim que a entregam aos festeiros do ano seguinte, ou seja, o trabalho dos festeiros está presente durante todo o ano, devendo estes prestar conta a irmandade e a igreja de toda a arrecadação e despesas, assim como repassar todo o dinheiro arrecadado, que é dividido entre a igreja e a irmandade.

Vemos então que o festeiro é aquele que apresenta a festa à cidade que a projeta e procura dar a ela o seu reconhecimento

enquanto manifestação cultural. É um anfitrião. Porém, não podemos deixar de evidenciar que durante os dez dias de festa eles se transformam nos personagens principais das comemorações festivas, centro das atenções sociais. Resultados positivos é fundamental para um possível reconhecimento. Não são todos os que são lembrados por vários anos. Alguns são esquecidos imediatamente, em especial se sua festa não for promissora e divulgada à altura da avaliação da população local. (Katrib, 2004, p. 182).

Percebemos que houve uma mudança significativa no papel dos festeiros nas últimas décadas em estudo realizado por Brandão, 1985, na década de 1970, os festeiros arcavam com quase todas as despesas, “é ele quem investe a maior quantidade de bens, sobretudo dinheiro e alimentos”(BRANDÃO, 1985, p.59).

Nos últimos anos a organização da festa teve mudanças significativas, há uma maior participação da prefeitura, os festeiros conseguem doações significativas o que tem coberto por completo as despesas da festa e ainda dado lucro, este é dividido entre a paróquia e a irmandade. Dinheiro que nos últimos anos tem causado alguns desacordos entre irmandade, igreja e festeiros. Mas os capitães entrevistados abordam a importância dos festeiros:

*O papel dos festeiros é um papel muito importante e eu acho que pouca gente sabe da importância do papel do festeiro. O festeiro, por exemplo, a gente que nasce congo termina a festa, a gente entrega a coroa e talvez a gente leva uns três a quatro meses pra tá começando a mexer com os instrumentos. Agora, o festeiro não encerra a festa. Entrega a coroa pro festeiro naquele mês seguinte eles tão reunidos com as comissões dele, se preparando pra festa o festeiro depois que ele pega essa festa, que ele pega a coroa, então ele reúne até duas vezes por mês com o pessoal dele, eles trabalham o ano inteiro. Então é pouca gente que tem conhecimento dessa importância, desse trabalho do festeiro. Carlos Rosário Alves. Entrevista, Catalão, 18/12/2007.*

*Os festeiros? Os festeiros pra mim é os administrador né da festa porque geralmente quem faz a festa é o povo né que dá donativo, uns dá mais outro dá menos tudo mais os festeiros são os organizador né da festa. Antônio Alves. Entrevista, Catalão, 10/11/2007*

*Olha, o papel do festeiro é de grande importância, antigamente o festeiro seria duas pessoas no caso um casal, você entregava a coroa nas mãos deles na casa dele e a festa seria feita na casa deles, não tinha comissão, não aí como a*

*festa era pequena eles davam conta e com um espaço de tempo a festa foi crescendo, hoje você entrega pro casal e o casal forma sua comissão porque ele, não dá conta, pra distribuir o trabalho pra ele senão ele não dá conta, o festeiro hoje desde que ele pega a coroa ele tem que começa a trabalhar, ele trabalha o ano inteiro, até chega a época da festa. Elzon Arruda. Entrevista, Catalão, 11/11/2007*

*Na verdade ele é escolhido. Edson Arruda. Entrevista, Catalão, 11/11/2007*

*Ele é uma das partes mais importantes da festa porque é ele que organiza tudo a parte da festa juntamente com sua comissão. Já pensou se nós não tivermos festeiro a irmandade teria que ser o festeiro, o dia que não aparece festeiro nenhum a irmandade tem que arca com tudo. Elzon Arruda. Entrevista, Catalão, 11/11/2007*

*Mas é que sempre tem aparecido alguém apesar da dificuldade do festeiro ele praticamente ele tem que abandonar tudo pra ele tá cuidando da festa. Edson Arruda. Entrevista, Catalão, 11/11/2007*

*Porque teve uma época que houve um problema que a irmandade teve que assumir, foi quando um festeiro renunciou, a irmandade e a diretoria teve que planeja e distribuir, cada grupo deu a alimentação de sua casa, por que houve a renuncia do festeiro, então por isso diretoria e a irmandade tem que tá preparada pra esse tipo de coisa, pode acontecer imprevisto igual como já aconteceu aí cada um fez sua alimentação. Mas quando foi no ano seguinte todo mundo gritou, minha mulher não vai fazer comida pra ninguém não, aí nós ficamos o único terno que ficou foi nós porque meu pai era doente, aí ele achou uma maravilha, ele fardava, chegava, sentava na cabeceira da mesa dos dançador todo dia comentava naquele momento de alimentação. Ai depois a dona Áurea pediu pra dar o almoço pro terno que ficou por determinado tempo, aí depois como ela tava com problema de saúde e não agüentava mais ela parou. Mas já aconteceu da diretoria ter que fazer isso distribuir, falou, olha, não tem jeito, cada um faz a comida pro seu terno, então pra isso a irmandade tem que tá preparada por que isso pode acontece,r já aconteceu uma vez. Elzon Arruda. Entrevista, Catalão, 11/11/2007*

A congada tem por costume homenagear os festeiros, sendo que estes oferecem um lanche na alvorada festiva e um almoço no centro folclórico no domingo, dedicados aos ternos. É comum a presença de festeiros brancos, geralmente são comerciantes, políticos, empresários, etc. São estes parte da elite catalana. A presença de festeiros negros não é comum, nos últimos anos apenas no ano de 2003 no qual a senhora Edsônia Arruda juntamente com seu

irmão Edson Arruda foram festeiros. Nos anos de 2006 e 2007 pudemos presenciar entre os casais de festeiros apenas um, o senhor Rubens e dona Helena, os quais fizeram parte da comissão de festeiros do ano de 2006.

#### **1.3.4 - A IGREJA CATÓLICA**

Antes da construção da igreja<sup>11</sup> de Nossa Senhora do Rosário, que foi construída pelos próprios membros da irmandade de Nossa Senhora do Rosário, os festejos eram realizados na antiga matriz da cidade. Com a construção da igreja, os festejos passaram a ser realizados nela e ao seu redor. A capela não possui um padre disponível somente para ela, portanto iremos aqui descrever o que ocorreu durante as festas realizadas nos anos de 2006 e 2007.

Como já citado anteriormente, é realizada na igreja de Nossa Senhora do Rosário, desde o primeiro dia do evento, uma novena que se encerra no último domingo da festa. Com o grande aumento de pessoas que vêm assistir aos festejos, alguns cultos passaram a ser realizados no palanque que é construído sempre defronte à igreja. Como exemplo, podemos citar a missa no levantamento do mastro e a missa da irmandade que ocorre no último domingo da festa.

A aparente harmonia existente hoje entre igreja e congada não retrata toda a história destes dois agentes. Como retratado por Brandão (1985), existe uma narrativa de vários conflitos entre estes agentes. Embora exista uma aparente concordância, há uma linha tênue entre a harmonia e o conflito.

Os conflitos em geral, apareceram devido ao dinheiro, outras vezes pela não aceitação da igreja ao modo de adoração da congada. Muitas vezes a forma de adoração prestada pela congada não é de fácil compreensão pela igreja afinal não é “comum” a presença de pessoas tocando tambores e dançando dentro das igrejas católicas.

Em estudo realizado por Katrib (2004), é apresentado que antes da festa de Nossa Senhora do Rosário começar a dar lucro, não era dada

---

<sup>11</sup> A igreja de Nossa Senhora do Rosário aqui citada com letra inicial minúscula é na realidade a capela construída pela irmandade. Igreja aqui citada com letra inicial maiúscula é referência a Igreja católica.

muita importância a contabilidade da festa. Entre as décadas de 1940-1979, quase todo o dinheiro arrecadado era revertido à paróquia, a irmandade não recebia quase dinheiro algum advindo da festa. Segundo o senhor Edson Arruda, era repassado à irmandade cerca de 5% dos lucros da festa.

Depois de tantos anos sem voz ativa na divisão do dinheiro, a irmandade de Nossa Senhora do Rosário se mobilizou para que houvesse uma mudança neste quadro.

A igreja é a responsável pela parte religiosa da festa. É o pároco quem celebra os terços e as missas. A alvorada começa apenas depois da bênção do padre, e de todos rezarem juntos uma ave maria e um pai nosso. O padre também é figura presente nas procissões do domingo pela manhã e a noite. Logo após estas procissões é realizada uma missa, a do domingo pela manhã é a missa da irmandade, geralmente realizada no ranchão, a missa da irmandade no ano de 2006 foi uma missa campal, realizada no palco construído no meio da Praça do Rosário e a do domingo a noite há uma presença maior dos fiéis da cidade, além dos ternos de Congo. A missa do domingo a noite dá por encerrada a parte religiosa da festa. Embora o padre, às vezes, compareça a entrega da coroa. Em algumas festas, como na do ano de 2002, houve também a presença do bispo, além da pároco local.

### **1.3.5- A PREFEITURA**

A prefeitura, que é o órgão gestor do município, tem grande interesse na realização da festa. Por ser de grande visibilidade o município colabora com a organização dos festejos. Sua presença maior na parte social, sua não sendo perceptível na parte religiosa da festa, embora existam momentos, como na entrega da coroa, que todas estas instancias se encontram.

São muitos os papéis da prefeitura, é ela a responsável pela limpeza e segurança durante todo o período da festa, desde a alvorada até a entrega da coroa e durante mais alguns dias até que a feira seja totalmente desmontada.



A alimentação dos congadeiros durante a festa também é fornecida para que os festeiros possam fazer as refeições para todos os ternos participantes, e também para as pessoas que os acompanham. É um consenso entre os capitães entrevistados o reconhecimento pela importância que a prefeitura assumiu na festa nos últimos anos:

*Eu acho assim: sem a prefeitura, eles não faz a festa. João Batista de Souza. Entrevista, Catalão, 10/11/2007.*

*A prefeitura, ela é muito importante, por causa que sempre ajuda. (...). De uns anos pra cá, ajuda muito os festeiros. Hoje em dia também recebe assim o aluguel dos terrenos porque tem muita barraca, né? Eu acho até [que] recebe que a prefeitura colabora com a irmandade, né? Porque ela tem como se diz, um retorno, é um retorno (porque é muito caro), é muito caro ali, eu acho que as barracas que vem é dá muito respaldo pra prefeitura, prove renda né. Antônio Alves. Entrevista, Catalão, 10/11/2007*

É a prefeitura que também organiza as barracas que ficam nas ruas próximas à igreja (mapa 2), é cobrado um aluguel destes barraqueiros, cujo valor é revertido em benfeitorias na própria festa, como a limpeza, construção do ranchão, segurança e alimentação dos congadeiros.

Em governos anteriores a prefeitura colaborava com os ternos com quantias em dinheiro, o que não tem acontecido no atual governo. Percebemos, assim, uma modificação nos investimentos realizados na congada. Mesmo que esta ajuda faça falta para os ternos, os investimentos na festa como um todo são reconhecidos:

*Eu não. Eu já há, muito tempo, tenho conhecimento e outra coisa que eu gosto de frisar é sobre essa ajuda que a gente ganha. (...) Essa ajuda da prefeitura já tem uns quatro ou cinco anos que a prefeitura não dá essa ajuda assim pros congos. Essa é uma ajuda particular praticamente pra ta ajudando os congos. Então o pessoal sai falando que - ah! A prefeitura não ajuda os congos na festa, mas toda comida que a gente da festa pros congos, pro pessoal que vêm visitar, tudo é a prefeitura que dá o rancho. É a prefeitura que faz então a prefeitura tem um gasto muito grande do lado social e de um modo geral, assim, na festa. Só que às vezes muita gente não entende a ajuda que a prefeitura faz pros congos porque leva mais é pro lado pessoal, mas a gente tem uma ajuda muito boa da prefeitura. Carlinhos. Entrevista, Catalão, 18/12/2007.*

*A importância dela [da prefeitura] é que a festa é do município. A prefeitura tem que arcar com essa despesa. Eles falam assim: a, mais a prefeitura arrecada muito, se o prefeito falar assim como eu já vi em reuniões: eu vou dar os aluguéis tudo pra irmandade, mas vocês vão organizar e cobrar. Mas a irmandade não tem estrutura pra isso, por que como apoio, com alimentação, com tudo, ela banca tudo, limpeza, a água. Você vê que durante a festa ela tá lá com a equipe lá varrendo, limpando, lavando. Porque você sabe que deixar imundice é uma vergonha. (...) Ela tem toda arrecadação que eu não sei os das barracas quanto é que dá, mas é despesa. Desde que começa é ela: café, biscoito, alimentação, enfeite tudo é a prefeitura que faz grupo de apoio durante os dez dias de festa. Tudo é ela segurança, confecção daqueles banheiros. Elzon Arruda. Entrevista, Catalão, 11/11/2007*

*Pra você ver, 5 horas da manhã a equipe já tá lá trabalhando na limpeza. Edson Arruda. Entrevista, Catalão, 11/11/2007*

*Tem gente que não está acostumado, tem uma vantagem, porque Catalão, no dia da festa, é um local limpo e em muitos outros lugares aí é uma sujeira, o povo faz xixi pra todo lado e se não lavar já sabe. E hoje não tem isso, é tudo muito limpo. Porque esse trabalho da prefeitura é uma obrigação e todos os prefeitos que entrarem tem que ter isso aí, tem que fazer isso aí senão a festa não sai. A festa é do município, então a prefeitura é obrigada a fazer isso. Elzon Arruda. Entrevista, Catalão, 11/11/2007*

Nenhum investimento realizado é em vão. A festa de Nossa Senhora do Rosário tem se ampliado a cada ano. A divulgação do evento é realizada até em âmbito nacional. Juntamente com a festa também é divulgada a cidade e respectivamente seus representantes. A rede hoteleira de Catalão também não tem do que reclamar. É fato que durante o período da festa este setor se torna mais movimentado com a presença dos turistas que vêm para assistir a festa. Outros setores do comércio também lucram com a realização da festa, como é o caso dos bares próximos à praça e o supermercado que fica ao lado da igreja. No período da festa um só bar chega a vender cerca de 1000 garrafas de cerveja por noite.

A festa de Nossa Senhora do Rosário e a Congada de Catalão constituem o maior evento cultural do sudeste goiano. Interessa-nos a seguir, ouvir alguns dentre seus agentes, como os capitães e percebê-la enquanto cultura negra, com contradições, diferenças e desigualdades.